

Palhaço, o ícone do riso no circo itinerante

Alda Laborda

Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – UFBA

Mestranda – Matrizes Estéticas na Cena Contemporânea – Or. Profª Drª Eliene Benício

Bolsa CNPQ

Coordenadora do Núcleo de Artes Circenses – FUNCEB

Resumo: O presente artigo trata das diversas formas cômicas encenadas pelos palhaços nos circos que itineram pelo Brasil, mas especificamente no Nordeste, que levam o público ao riso. A comicidade e o riso, com base na fundamentação teórica de Propp, Minois, Bergson, Garcia, Benício e Bolognesi, são identificados e exemplificados neste artigo, através das Entradas, Reprises, Gags, Esquetes Cômicas, Paródias e Brincadeiras que são encenadas pelos palhaços, reforçando a teoria de que o palhaço é o grande ícone do circo itinerante.

Palavras-chave: Palhaço, Riso, Circo.

Seja nas pequenas ou grandes cidades, seja nos bairros periféricos ou grandes centros urbanos, o circo “[...] procura sempre estabelecer vínculos com o público de cada bairro, onde se instala (MAGNANI, 1982)”. O palhaço acompanha essa percepção artística, de falar diretamente a mesma linguagem das pessoas que o assistem. Assim, o riso do público parte do princípio da percepção do cotidiano do local, da sua cultura, da sua visão de mundo, das pessoas conhecidas na localidade. As transformações de palhaçadas tradicionais em um texto atual e local ocorrem a todo instante, variando de palhaço para palhaço, de circo para circo. A arte desse palhaço se caracteriza pela efemeridade da sua apresentação, em um determinado circo, instalado em um local determinado, sem, contudo, repetir as palhaçadas, porém deixando os seus bordões e gags¹.

O circo de variedades² possui números circenses que exigem do artista muita habilidade, técnica e concentração adquiridas, na maioria das vezes, ao longo de anos de treinamento, seja no circo, circo-escola³ ou projetos sociais⁴. O palhaço não é diferente, sua habilidade de provocar o riso é algo adquirido ao longo de anos nos picadeiros, sendo este espaço o local dos erros e acertos do palhaço. Portanto, o palhaço adquire de forma empírica, suas habilidades. Seu treinamento diário não é nos bastidores ou salas de ensaio, mas no picadeiro com o público presente, estabelecendo relações de trocas que lhe permitirão avaliar seus erros e acertos.

1 *Bordões* são frases ou palavras de efeito que o palhaço repete a cada piada e as pessoas acabam por assimilar, durante os espetáculos. As *gags* são efeitos cômicos inesperados, ocasionados por gestos ou palavras.

2 *Circo de variedades* é aquele que possui números circenses variados (acrobacias, contorção, trapézio, monociclo etc.). O espetáculo circense pode ser todo de variedades ou ter, em sua primeira parte, variedades e, na segunda, uma peça teatral (comédia, drama, drama-sacro, etc.).

3 O *circo-escola* surgiu, no Brasil, em 1977 – Academia Piolin, em São Paulo – com a finalidade de formar artistas que possam atuar nos circos itinerantes. A partir daí surgiram vários outros.

4 Hoje, diversas ONGs utilizam as técnicas circenses como ferramenta pedagógica. Para maiores informações consultar a tese de doutoramento: GALLO, Fabio Dal. *Da rua ao picadeiro: Escola Picolino, arte e educação na performance do circo social*. Salvador: EDUFBA, 2009.

O palhaço do circo itinerante se assemelha muito aos bufões e bobos, mencionados na obra de Bakhtin, no sentido de que estes eram personagens característicos da cultura cômica da Idade Média, sendo parte do próprio povo (1999). Bem como estes, o palhaço utiliza a comicidade popular, muitas vezes caracterizada pelo “baixo calão” e palavras de duplo sentido. O público se reconhece, muitas vezes, nesses palhaços, por externarem uma liberdade cômica, que normalmente é contida no cotidiano. Assim, encontramos muitas pessoas que vão aos circos para ver o palhaço brincando e caçoando de alguém do público, extraíndo, assim, o riso do meio popular. Para Propp, “o desprezo pelos bufões, pelos atores do teatro de feira, pelos clowns e os palhaços e, em geral, por qualquer tipo de alegria desenfreada é o desprezo pelas fontes e pelas formas populares de riso (1992, p.23).” Menosprezar o interesse do público por palhaços do circo itinerante, que utilizam este tipo de linguagem, é o mesmo que “fazer vista grossa” para uma comicidade popular existente em praticamente todo o Brasil.

Farei uma pequena análise das formas cômicas do palhaço de circo itinerante, que ocasionam risos e gargalhadas.

Apresentação

O palhaço entra em cena, normalmente, convocado pelo Mestre de Cena⁵; é neste momento que o palhaço se apresenta dando boa noite/bom dia/boa tarde, de forma a contradizer o Mestre de Cena e a provocar o público. Outra forma de apresentação evidencia a característica do palhaço como preguiçoso, é quando o Mestre de Cena chama o palhaço para trabalhar e este responde, do meio do público, que não vai. A partir daí ele começa a provocar as pessoas do público, senta no colo de um, se assusta com a “feiúra” do outro, finge que puxa o cabelo de outro, faz piadas com as pessoas mais próximas, solicita nomes de pessoas que possam entrar nas piadas, compara pessoas da platéia com personalidades televisivas, classificadas como feias ou bonitas... e assim o palhaço faz sua apresentação, já inserindo o público nessa comicidade interativa. É neste momento que o palhaço avalia quais as principais características do público, se este ri somente com gestos do palhaço, se estes não riem, se o palhaço deve soltar várias piadas para extrair um riso do público, se gargalham com as piadas. O riso ou gargalhada inicial é o termômetro do palhaço, para dar seqüência à próxima etapa, ou seja, definir qual será a palhaçada de entrada.

Palhaçadas tradicionais

5 O *Mestre de Cena*, que forma dupla cômica com o palhaço, também é conhecido como “Crom”, “Escada” ou “Clown”. O Mestre de Cena, ao contrário do “Clown”, por exemplo, não utiliza nenhuma maquiagem ou roupa de palhaço.

As palhaçadas tradicionais são aquelas transmitidas oralmente, há várias gerações, nos circos itinerantes. Não há registros que evidenciem a origem de cada “texto”, porém há alguns estudos e depoimentos que apontam para algumas encenações em circos brasileiros no início do século XX. De qualquer forma, essas mesmas palhaçadas são encenadas (ou “levadas”, como dizem os palhaços de circos itinerantes) de diferentes formas por diferentes palhaços por todo o Brasil. Normalmente se dividem em: *Palhaçadas de Entrada e Reprises*.

As Palhaçadas de Entrada são pequenas encenações que irão introduzir o público no universo do palhaço. Podem ser compostas de diversas piadas em meio a um tema principal – por exemplo, a Caçada – no qual é possível ao palhaço sempre realizar uma interação de improviso com o público. Na Caçada, por exemplo, o palhaço diz que estava atrás de um veado, e diz o nome ou se refere a alguém da platéia.

As Reprises têm este nome porque provavelmente estavam ligadas a algum número de variedades circense apresentado antes da entrada do palhaço, mas ao longo do tempo esse tipo de representação foi se desvinculando completamente desses números anteriores ao ponto de não ser possível identificar de quais números saíram determinadas Reprises. Muitas tomaram proporções maiores ou formas completamente modificadas durante as transmissões orais. A Reprise se caracteriza, nos circos itinerantes, pela utilização de adereços cênicos na composição desse tipo de encenação. Exemplo: O Dentista, A Barbearia, A Magia do Ovo, A Bomba.

Comédias e Esquetes

As Comédias normalmente são encenadas ao final da segunda parte do espetáculo circense e se caracterizam pela substituição de um personagem pelo palhaço, tais como: na comédia Turíbio, o soldado de plantão é o palhaço; na comédia do Táxi Maluco, o motorista é o palhaço; na comédia São Miguelinho, o pai da moça é o palhaço, e assim por diante. As comédias são encenadas, de forma a atrair uma grande quantidade de público, por isso é comum os circos irem anunciando durante o período de permanência na praça⁶ e só apresentarem no encerramento da temporada. Essa, na verdade é uma estratégia comercial muito utilizada, pois durante esse período o palhaço fica muito conhecido na cidade, deixando seus bordões e gags espalhados em meio ao público, tornando a receptividade da comédia, algo inevitável.

Os esquetes são mais curtos que as comédias, porém não menos engraçados. São encenados entre um número de variedade e outro do circo; possuem um roteiro central que é modificado a cada praça ou por cada palhaço que os representam, por isso, quando

⁶ Praça é o termo usado pelos circenses para designar o local de apresentação do circo, que pode ser um bairro, uma cidade, uma praça pública, um terreno, entre outros espaços.

um palhaço interage com outro em um outro circo, sempre há a pergunta de como este “leva” tal esquete. Exemplos: Fuxixo; Galo, Galinha e Pinto; Oração de São Luiz.

Paródias

Os palhaços realizam paródias de músicas envolvendo o público, levando-os a responderem ou participarem de alguma forma. As músicas são cantadas pelos palhaços, sempre utilizando palavras de duplo sentido, facilmente identificadas pelo público; a forma jocosa como é cantada leva o público ao riso, às gargalhadas e sátiras entre estes e o palhaço. Exemplos: Lata do Leite Ninho, Oi Taro.

Outra forma de participação do público é através de uma brincadeira no meio da paródia. Exemplo disso é a paródia do “Nhéco-Nhéco”, na qual algumas pessoas são solicitadas para participarem e ficam umas atrás das outras em duas filas. Quando o palhaço canta o refrão, essas pessoas fazem uma coreografia na qual os dois braços, curvados ao longo do corpo, em consonância com o movimento dos quadris, vão para frente e para trás, indicando certo movimento obsceno. Nesse momento, as pessoas que estão na frente ficam receosas com as pessoas que estão atrás e isso faz com que o público vá às gargalhadas, pois normalmente são homens e isto é visto como uma forma de ofensa à sua masculinidade.

Brincadeiras

O palhaço sempre estabelece uma relação com o público, que lhe permite solicitar voluntários, que podem ser adultos ou crianças, para participar de determinadas brincadeiras. Nesse caso, como, por exemplo, a imitação de instrumentos, a brincadeira pode ser feita tanto com adultos como crianças, na matinê ou nos espetáculos noturnos. A brincadeira do Vivo ou Morto é voltada para as crianças, como tantas outras realizadas nas matinês. O mais interessante da brincadeira não é ela em si, mas a forma como o palhaço a executa.

A base desses palhaços é o improviso. Isso significa que o palhaço deve possuir um repertório variado, para, no momento certo, aplicar ou modificar as piadas ou palhaçadas. Dessa forma, o palhaço sempre tenta “agradar na praça” para atrair o público. Através das observações desses palhaços de circos itinerantes e referências teóricas, pude perceber que o palhaço é o personagem que mais atrai público para o circo, principalmente nas cidades do interior.

A relação do palhaço com a comicidade é algo construído ao longo de anos de atuação. A observação da forma como outro palhaço trabalha, ajuda os mais novos a construírem seus personagens-palhaços. A criança já cresce vendo a forma como o pai trabalha, porém somente quando entra no picadeiro descobre a sua forma de trabalhar.

A comicidade do palhaço está ligada ao seu desempenho corporal, às piadas executadas no momento certo, à sua capacidade de improviso, às respostas rápidas às provocações do público. Esse conjunto de técnicas possibilita ao espectador-participante uma leitura daquilo que é risível. Para Propp, “aos tipos de comicidade 'vulgar', 'baixa' ou 'exterior' atribuem-se, na maioria dos casos, elementos burlescos, como narizes vermelhos, barrigas grandes, contorções verbais, brigas e pelejas, vigarices, etc. (1992, p. 22).” O palhaço de circo itinerante consegue reunir elementos corporais e culturais, de forma que o público consegue decodificar rapidamente essas expressões aplicadas no picadeiro. Os circos, principalmente os pequenos, dependem da habilidade do palhaço de fazer os outros rirem. Quanto mais as pessoas riem, mais público terá este circo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. Ed. São Paulo: Brasília (DF): Hucitec, Ed. da Universidade de Brasília, 1999. 419 p.

BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

BOLOGNESI, Mário. *Palhaços*. São Paulo: Unesp, 2003.

COSTA, Eliene Benício Amâncio. *Os Saltimbancos Urbanos: a influência do circo na renovação do teatro brasileiro nas décadas de 80 e 90*. São Paulo: ECA/USP, 1999, 717p. (Tese de Doutorado).

GALLO, Fabio Dal. *Da rua ao picadeiro: Escola Picolino, arte e educação na performance do circo social*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PROPP, Vladimir Iakovlevich. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.